Capítulo Um

O fundo do lago sabia a lama, a sal e a remorsos. A água estava tão espessa que manter os olhos abertos era uma agonia, mas, graças aos grandes deuses, consegui fazê-lo. Caso contrário, não teria visto o dragão.

Era mais pequeno do que imaginara. Devia ter o tamanho de um barco a remos, com olhos brilhantes de rubi e escamas verdes como o jade mais puro. Nada como as bestas do tamanho de aldeias que as lendas de dragões descreviam, grandes o suficiente para engolir embarcações de guerra inteiras.

O dragão aproximou-se a nadar até que os seus olhos vermelhos e redondos ficaram tão próximos que refletiram os meus.

Observava-me enquanto me afogava.

Ajuda-me, implorei. Estava sem ar, restava-me menos de um segundo de vida antes que o meu mundo se dissolvesse.

O dragão olhou para mim, erguendo uma sobrancelha felpuda. Por um instante, atrevi-me a ter esperança de que me pudesse ajudar. Mas a sua cauda enrolou-se à volta do meu pescoço, sufocando o meu último fôlego.

E tudo ficou escuro.

Em retrospetiva, provavelmente não devia ter dito às minhas criadas que ia saltar para o Lago Sagrado. Dissera-o apenas porque o calor desta manhã estava insuportável. Até os arbustos de crisântemo no exterior haviam murchado, e os milhafres que voavam acima das árvores cítricas estavam demasiado desidratados para cantar. Para não mencionar que mergulhar no lago me parecera uma alternativa perfeitamente sensata a ter de comparecer à minha cerimónia de noivado — ou, como eu gostava de lhe chamar, o desolador fim do meu futuro.

Infelizmente, as minhas criadas acreditaram em mim, e a notícia chegara ao Pai mais depressa do que fogo demoníaco. Em poucos minutos, enviara um dos meus irmãos — e um séquito de guardas carrancudos — atrás de mim.

Por isso, aqui estava eu, a ser pastoreada pela catacumba de corredores do palácio, no dia mais quente do ano. Para o desolador fim do meu futuro.

Enquanto seguia o meu irmão por mais um corredor ensolarado, mexi na minha manga, fingindo tapar um bocejo enquanto espreitava para dentro.

— Para de bocejar — repreendeu Hasho.

Deixei cair o braço e voltei a bocejar.

— Se os deixar sair agora não terei de o fazer à frente do Pai.

— Shiori…

— Experimenta ser acordado de madrugada para te escovarem o cabelo mil vezes — retorqui. — Experimenta andar coberto de seda. — Levantei os braços, mas as minhas mangas eram tão pesadas que mal os consegui manter erguidos. — Olha-me para todas estas camadas. Dava para cobrir um navio com velas suficientes para atravessar o mar!

Um indício de sorriso surgiu na boca de Hasho.

— Os deuses estão atentos, querida irmã. Continua a reclamar assim e o teu noivo irá ganhar uma marca por cada vez que os desonras.

O meu noivo. Qualquer menção a ele entrava por um ouvido e saía pelo outro, enquanto a minha mente divagava por pensamentos mais agradáveis, como persuadir o *chef* do palácio a revelar a sua receita de massa de feijão vermelho — ou, melhor ainda, entrar clandestinamente num navio e viajar pelo Mar Taijin.

Por ser a filha única do imperador, nunca me fora permitido ir onde quer que fosse, muito menos viajar para fora de Gindara, a capital. Daqui a um ano, seria demasiado velha para tal escapadela. E demasiado casada.

A indignidade de tudo isso fez-me suspirar alto.

— Então estou tramada. Ele vai ficar horrendo.

O meu irmão riu-se e fez-me sinal para avançar.

— Vá lá, chega de lamúrias. Estamos quase lá.

Revirei os olhos. Hasho começava a soar como se tivesse 70 anos, não 17. Dos meus seis irmãos, era dele que mais gostava — era o único com o mesmo nível de perspicácia que eu. Mas desde que começara a levar tão a sério o seu estatuto de príncipe e a desperdiçar toda essa perspicácia em jogos de xadrez em vez de pregar partidas, havia certas coisas que já não lhe podia contar.

Como aquilo que estava a esconder dentro da manga.

Uma comichão percorreu-me o braço, e cocei o cotovelo.

Por precaução, tapei a larga abertura da minha manga. Se Hasho descobrisse o que estava a esconder, nunca me perdoaria.

Nem ele, nem o Pai.

— Shiori — murmurou Hasho. — Que se passa com o teu vestido?

— Achei que tinha manchado a seda — menti, fingindo esfregar uma mancha na manga. — Está tanto calor, hoje. — Virei-me para as montanhas e para o lago de modo teatral. — Não preferias estar lá fora a nadar em vez de ir a uma cerimónia aborrecida?

Hasho fitou-me desconfiado.

— Shiori, não mudes de assunto.

Inclinei a cabeça, esforçando-me por parecer arrependida, e baixei a manga discretamente.

— Tens razão, Irmão. Está na hora de crescer. Obrigada por… por…

O meu braço foi atingido por outra comichão, e bati no cotovelo para abafar o som. O meu segredo estava a ficar inquieto, fazendo ondular o tecido das minhas vestes.

— Por me escoltares até ao meu noivo — terminei rapidamente.

Apressei-me para a câmara da audiência, mas Hasho apanhou-me a manga, levantou-a bem alto e deu-lhe um bom abanão.

De lá se precipitou um pássaro de papel tão pequeno e rápido como uma libelinha. De longe, parecia um pequeno pardal, com um ponto vermelho na cabeça, e atirou-se do meu braço para a cabeça do meu irmão, batendo desvairadamente as asas delgadas enquanto pairava diante do seu rosto.

O maxilar de Hasho caiu, os seus olhos arregalaram-se com o choque.

— Kiki! — sussurrei em tom urgente, abrindo a manga. — Volta para dentro!

Kiki não obedeceu. Empoleirou-se no nariz de Hasho e acariciou-o com uma asa para demonstrar afeto. Os meus ombros relaxaram; os animais haviam sempre gostado de Hasho, e estava certa de que ela o encantaria tal como me encantara a mim.

Depois, o meu irmão passou as mãos por cima do rosto para a apanhar.

— Não a magoes! — supliquei.

Kiki voou, evitando-o por pouco. Ressaltou contra as persianas de madeira nas janelas, em busca de uma que estivesse aberta, enquanto se afastava cada vez mais pelo corredor.

Preparei-me para ir atrás dela, mas Hasho agarrou-me, segurando-me até as minhas sandálias deslizarem sobre a madeira polida.

— Deixa-a ir — advertiu-me, ao ouvido. — Mais tarde falaremos sobre isto.

Os guardas abriram as portas e um dos ministros do Pai anunciou a minha chegada:

— Princesa Shiori'anma, a filha mais nova, filha única do Imperador Hanriyu e da recém-falecida imperatriz…

No interior, o meu pai e a sua consorte, a minha madrasta, encontravam-se sentados à cabeceira da câmara cavernosa. O ar vibrava com impaciência, os cortesãos dobravam e redobravam os seus lenços húmidos para limpar o suor das têmporas. Vi as costas de Lorde Bushian e do seu filho — o meu noivo —, ajoelhados diante do imperador. Apenas a minha madrasta reparou em mim, paralisada no umbral. Ela inclinou a cabeça, os seus olhos pálidos fixando-se nos meus.

Um arrepio percorreu-me a espinha. Subitamente, temi que, se avançasse com a cerimónia, fosse acabar como ela: fria e triste e solitária.

Pior, se não encontrasse Kiki, outra pessoa poderia fazê-lo, e o meu segredo chegaria até ao Pai…

O meu segredo: concedera vida a um pássaro de papel através de magia.

Magia proibida.

Afastei-me das portas e empurrei Hasho, que ficou demasiado surpreendido para me deter.

— Princesa Shiori! — gritaram os guardas. — Princesa!

Livrei-me do meu casaco cerimonial enquanto corria atrás de Kiki. Só o bordado pesava tanto quanto a armadura de uma sentinela, e libertar os ombros e os braços do seu peso foi como fazer crescer asas. Abandonei a piscina de seda no meio do corredor e saltei de uma janela para o jardim.

O Sol brilhava com intensidade, e semicerrei os olhos para conseguir ver Kiki. Ela atravessou o pomar de cerejeiras, passando, depois, pelos citrinos, onde o seu voo desvairado fez explodir dos ramos os milhafres.

Tencionara deixar Kiki no meu quarto, escondida numa caixa de joias, mas ela batera as asas e derrubara a sua prisão tão vigorosamente que temera que um criado a encontrasse enquanto eu estivesse na cerimónia.

É melhor mantê-la comigo, pensei.

— Prometes que te portas bem? — pedira-lhe.

Kiki abanara a cabeça, o que eu interpretara como um sim.

Errado.

Demónios me levem, eu devia ser a maior idiota em Kiata! Mas não me iria recriminar por ter coração, mesmo por um pássaro de papel.

Kiki era o *meu* pássaro de papel. Com os meus irmãos a crescer e sempre ocupados com deveres principescos, sentira-me solitária. Mas Kiki ouvia-me e guardava os meus segredos e fazia-me rir. Todos os dias, ficava mais viva. Ela era minha amiga.

Tinha de a recuperar.

O meu pássaro de papel aterrou no meio do Lago Sagrado, flutuando nas suas águas mansas com uma calma imperturbável — como se não tivesse acabado de perturbar a minha manhã.

Quando a alcancei, já estava ofegante. Mesmo sem a camada exterior, o meu vestido era tão pesado que mal conseguia recuperar o fôlego.

— Kiki! — Atirei uma pedra à água, numa tentativa de captar a sua atenção, mas ela limitou-se a flutuar para longe. — Não é altura para jogos!

O que iria fazer? Se se descobrisse que detinha um talento para magia, não importa quão pequeno, seria enviada para longe de Kiata para sempre — um destino muito pior do que um casamento forçado com um qualquer lorde desconhecido de terceira categoria.

Precipitei-me a atirar as sandálias para longe, sem me dar ao trabalho de despir as vestes.

Saltei para o lago.

Para uma rapariga forçada a ficar em casa a praticar a caligrafia e a tocar cítara, era uma excelente nadadora. Tudo graças aos meus irmãos; quando ainda eram novos, costumávamos esgueirar-nos para este mesmo lago para mergulhos de tardes de verão. Eu conhecia estas águas.

Nadei em direção a Kiki, o calor do Sol a picar-me as costas, mas ela estava a submergir mais profundamente na água. As dobras do meu vestido envolveram-me, apertadas, e as minhas saias colavam-se às minhas pernas de cada vez que as batia. Comecei a cansar-me, e o céu esvaneceu conforme o lago me puxava para baixo.

Sufocando, lancei-me para a superfície. Quanto mais me esforçava, mais depressa me afundava. Espirais do meu longo cabelo preto flutuavam à minha volta como uma tempestade. O terror agitou-se no meu âmago, e senti a garganta a arder, o coração a martelar-me descontroladamente nos ouvidos.

Desatei a faixa de ouro sobre as minhas vestes e levantei as saias, mas o peso impeliu-me para baixo e para baixo, até o Sol não passar de uma débil pérola de luz a brilhar muito acima de mim.

Finalmente, arranquei as saias e impulsionei-me para cima, mas a profundidade era muita. Nunca iria conseguir voltar à superfície antes de ficar sem oxigénio.

Iria morrer.

Pontapeando furiosamente, lutei por respirar, mas era inútil. Tentei não entrar em pânico. Isso apenas me faria afundar mais depressa.

Lorde Sharima'en, o deus da morte, levar-me-ia com ele. Entorpeceria a dor ardente nos meus músculos, e o doloroso inchar da minha garganta. O meu sangue começou a arrefecer, as minhas pálpebras a fechar…

Foi então que vi o dragão.

Ao início, achei que fosse uma cobra. Há séculos que ninguém via um dragão e, de longe, parecia uma das mascotes da minha madrasta. Pelo menos até lhe ver as garras.

Ele deslizou na minha direção, aproximando-se tanto que podia ter-lhe tocado nos bigodes, finos e longos como fios de prata.

Tinha a mão estendida e, sobre a sua palma, entalada entre duas unhas compridas, estava Kiki.

Por um instante, senti vida a borbulhar dentro de mim. Bati os pés, tentando estender a mão. Mas não me restavam forças. Não me restava fôlego. O meu mundo estava a encolher-se, toda a cor se desvaneceu.

Com um brilho malicioso no olhar, o dragão fechou a mão. A sua cauda deslizou por trás de mim, rodeando-me o pescoço.

E o meu coração bateu pela última vez.

Capítulo Dois

— Uma… uma cobra. — Ouvi Hasho balbuciar. Não era lá grande mentiroso. — Ela viu uma cobra.

— E por isso correu para o lago? Isso não faz sentido.

— Bem… — hesitou Hasho. — Sabes como ela odeia cobras. Achou que a ia morder.

Doía-me a cabeça como uma tempestade, mas entreabri um olho, espiando os meus dois irmãos mais velhos, Andahai e Benkai, à minha cabeceira. Hasho estava lá atrás, a mordiscar o próprio lábio.

Fechei o olho. Talvez, se achassem que ainda estava a dormir, se fossem embora.

Mas, diabos o levem, Hasho reparou.

— Vejam, ela está a mexer-se.

— Shiori — disse Andahai em tom firme, o seu longo rosto a pairar sobre mim. Abanou-me os ombros. — Sabemos que estás acordada. Shiori!

Tossi, o meu corpo a contorcer-se de dor.

— Basta, Andahai — disse Benkai. — Basta!

Ainda tinha os pulmões a arder, ávidos por oxigénio, e na minha boca um sabor a terra e sal. Engoli a água que Hasho me ofereceu e forcei-me a sorrir aos meus irmãos.

Nenhum me sorriu de volta.

— Faltaste à tua cerimónia de noivado — repreendeu Andahai. — Encontrámos-te na margem, meio afogada.

Apenas o meu irmão mais velho me repreenderia por quase ter morrido.

Quase ter morrido, repeti para mim mesma, os meus dedos voando em direção ao meu pescoço. O dragão enrolara a cauda em seu redor, como que para me sufocar. Mas não sentia nem cicatrizes, nem ligaduras. Ter-me-ia salvado? A última coisa de que me lembrava era de dois olhos cor de rubi e um sorriso tortuoso. Não me lembrava de voltar para a superfície, e não havia forma de ter flutuado sozinha…

Asas agitaram-se contra o meu polegar, e de repente tomei consciência da minha outra mão, oculta por baixo dos lençóis.

Kiki. Graças às Cortes Eternas! Estava um pouco encharcada, assim como eu. Mas viva.

— Que aconteceu, Shiori? — indagou Andahai.

— Dá-lhe tempo — disse Benkai. Agachou-se ao lado da minha cama e deu-me palmadinhas nas costas enquanto eu bebia. Sempre gentil e paciente, teria sido o meu irmão favorito se não o visse com tão pouca frequência. O Pai estava a treiná-lo para comandar o exército de Kiata, enquanto Andahai era o herdeiro do trono.

— Deixaste-nos preocupados, Irmã. Vem, conta ao velho Benben o que te lembras.

Inclinei a cabeça para trás, repousando contra a cabeceira de pau-rosa da minha cama. Hasho já lhes dissera que eu fugira por ter visto uma cobra. Deveria apoiar uma mentira tão atroz?

Não, se eu mentir, o Andahai e o Benkai apenas me farão mais perguntas, pensei rapidamente. *Mas também, não lhes posso dizer a verdade — eles não podem ficar a saber da Kiki.*

A solução era simples. Quando uma mentira não funcionava, uma distração teria de servir.

— Fui salva por um dragão — respondi.

Os cantos da boca de Andahai contorceram-se com severidade.

— Um dragão. A sério.

— Era pequeno para um dragão — continuei —, mas suponho que seja por ser novo. Mas tinha olhos astutos, ainda mais incisivos que os do Hasho.

Sorri, divertida, na esperança de acalmar os ânimos, mas os olhares severos dos meus irmãos apenas se aprofundaram.

— Não tenho tempo para contos de fadas, Shiori — disse Andahai, friamente. Ele era o menos criativo dos meus irmãos. Cruzou os braços, as suas mangas compridas tão duras como o seu cabelo preto encerado. — De todos os dias para correres para o lago… perdeste a tua cerimónia com o filho do Lorde Bushian!

Esquecera-me completamente do meu noivo. Senti a culpa a borbulhar-me no peito, o meu sorriso a esvanecer rapidamente. *O Pai deve estar furioso comigo.*

— O Pai vem aí para te ver — prosseguiu Andahai. — No teu lugar, não me apoiaria no facto de seres a favorita para te safares desta.

— Para de ser tão duro com ela — interveio Benkai. Baixou o tom de voz. — Tanto quanto sabemos, pode ter sido um ataque.

Agora fora a minha expressão que se tornara severa.

— Um ataque?

— Há rumores de insurreições — explicou o meu segundo irmão mais velho. — Muitos lordes opõem-se ao teu casamento com o filho do Lorde Bushian. Temem que a família se torne demasiado poderosa.

— Eu não fui atacada — asseverei. — Vi um dragão e ele salvou-me.

O rosto de Andahai ruborizou de exasperação.

— Basta de mentiras, Shiori. Por tua causa, o Lorde Bushian e o filho abandonaram Gindara, absolutamente envergonhados.

Pela primeira vez, não estava a mentir.

— É verdade — jurei. — Eu vi um dragão.

— É isso que vais dizer ao Pai?

— Dizer o quê ao Pai? — eclodiu uma voz, ressoando pelo cómodo.

Não ouvira as portas a deslizar, mas, agora, encontravam-se bem abertas, enquanto o meu pai e a minha madrasta avançavam pelos meus aposentos.

Os meus irmãos curvaram-se profundamente, e eu baixei a cabeça até quase me tocar nos joelhos.

Andahai foi o primeiro a erguer-se.

— Pai, a Shiori…

O Pai silenciou-o com um gesto. Eu nunca o tinha visto tão zangado. Normalmente, bastava um sorriso meu para lhe derreter a austeridade do olhar, mas hoje não.

— A tua enfermeira informou-nos de que não estás ferida — disse ele. — Isso, estou aliviado por ouvir. Mas o que fizeste hoje é absolutamente imperdoável.

A sua voz, tão baixa que o estrado de madeira da minha cama oscilou, tremia de fúria e desilusão. Mantive a cabeça baixa.

— Desculpe. Eu não queria…

— Tratarás de preparar um pedido de desculpa adequado ao Lorde Bushian e ao seu filho — interrompeu. — A tua madrasta propôs que bordasses uma tapeçaria para desfazer a vergonha que trouxeste à sua família.

Desta vez, olhei para cima.

— Mas, Pai! Isso pode levar semanas.

— Tens mais algum sítio onde estar?

— E as minhas lições? — perguntei, desesperada. — Os meus deveres, as minhas orações da tarde no templo…

O Pai não se comoveu.

— Nunca antes te preocupaste com os teus deveres. Eles ficarão suspensos até que tenhas terminado a tapeçaria. Começarás a trabalhar nela imediatamente, sob a supervisão da tua madrasta, e não deixarás o palácio até que esteja completa.

— Mas… — Vi Hasho a abanar a cabeça. Hesitei, sabendo que ele tinha razão. Não devia discutir, não devia protestar…

Ainda assim, as palavras fugiram-me da boca:

— Mas o Festival de Verão é daqui a duas semanas…

Um dos meus irmãos deu-me um toque atrás. Desta vez, o aviso funcionou. Fechei a boca.

Por um instante, os olhos do Pai amoleceram, mas, quando falou, a sua voz era dura.

— Há um Festival de Verão todos os anos, Shiori. Far-te-ia bem aprenderes as consequências do teu comportamento.

— Sim, Pai — murmurei através da dor que se espalhava pelo meu peito.

Era verdade que havia um Festival de Verão todos os anos, mas este seria o último com os meus irmãos antes de eu fazer dezassete anos e me casar… aliás, ser *expulsa* para ir viver com o meu futuro marido.

E eu arruinara-o.

O Pai observou o meu silêncio, à espera que eu implorasse por clemência, que arranjasse desculpas e fizesse o meu melhor para o convencer a mudar de ideias. Mas as asas agitadas de Kiki sob a palma da minha mão compeliram-me a permanecer em silêncio. Sabia quais seriam as consequências se ela fosse descoberta, e eram muito piores do que perder o festival.

— Tenho sido demasiado brando contigo, Shiori — disse o Pai, calmamente. — Por seres a mais nova dos meus filhos, concedi-te muitas liberdades e deixei-te correr à solta entre os teus irmãos. Mas já não és uma criança. És a Princesa de Kiata, a *única* princesa do reino. Está na altura de te comportares como uma senhora digna do teu título. A tua madrasta concordou em ajudar-te.

O medo agitou-se no meu estômago enquanto os meus olhos voaram para a minha madrasta, que não saíra da sua posição em frente às janelas. Tinha-me esquecido de que ela estava ali, o que me pareceu impossível assim que olhei para ela.

A sua beleza era extraordinária, do tipo que os poetas imortalizavam em lendas. A minha própria mãe fora reconhecida como a mulher mais bonita de Kiata, e pelos quadros que vira dela, não era exagero. Mas a minha madrasta era muito possivelmente a mulher mais bonita do mundo.

Olhos opalescentes impressionantes, uma boca como um botão de rosa e cabelo cor de ébano tão brilhante que lhe caía num longo lençol de cetim pelas costas. Mas o que a tornava verdadeiramente memorável era a cicatriz diagonal no rosto. Em qualquer outra pessoa, poderia ter parecido alarmante, e qualquer outra pessoa poderia ter tentado escondê-la. Não a minha madrasta e, de alguma forma, isso contribuía para o seu encanto. Ela nem sequer aplicava pó na cara, como era moda, ou punha cera no cabelo para o fazer brilhar. Embora as suas criadas resmungassem por ela nunca usar cosméticos, ninguém podia discordar de que a beleza natural da minha madrasta era esplendorosa.

Raikama, era o que todos a chamavam pelas costas. *Rainha Sem Nome*. Ela já tivera um nome, na sua casa, a sul de Kiata, mas apenas o Pai e um punhado dos seus maiores oficiais de confiança o sabiam. Ela nunca falava sobre isso ou sobre a vida que levara antes de se tornar a consorte do imperador.

Evitei o olhar dela e olhei fixamente para as minhas mãos.

— Lamento muito se o envergonhei, Pai. E a si, Madrasta. Não era essa a minha intenção.

O Pai tocou-me no ombro.

— Não quero que te voltes a aproximar do lago. O médico diz que por pouco não te afogaste. Que te passou pela cabeça para fugires do palácio?

— Eu… — A minha boca ficou seca. Kiki agitou-se sob a minha palma, como se a advertir-me que não dissesse a verdade. — Sim, eu… julguei ter visto uma cob…

— Ela disse que viu um dragão lá dentro — disse Andahai num tom que deixava claro que não acreditava em mim.

— Não dentro do palácio — protestei. — No Lago Sagrado.

A minha madrasta, que estivera tão quieta e silenciosa até agora, de repente endureceu.

— Viste um dragão?

Pestanejei, sobressaltada com a sua curiosidade.

— Eu… sim, vi.

— Como é que era?

Algo nos seus olhos pálidos e pedregosos tornou difícil para mim, uma mentirosa natural, mentir.

— Era pequeno — comecei —, com escamas cor de esmeralda e olhos como o sol vermelho. — As palavras seguintes foram difíceis de dizer. — Tenho a certeza de que o imaginei.

Ainda que ligeiramente, os ombros de Raikama descaíram, e depois, uma compostura cuidadosa assentou-lhe novamente sobre o rosto, como uma máscara que ela inadvertidamente retirara por um instante.

Ela ofereceu-me uma sombra de um sorriso.

— O teu pai tem razão, Shiori. Farias bem em passar mais tempo dentro de casa e em não confundir fantasia com realidade.

— Sim, Madrasta — murmurei.

A minha resposta foi suficiente para satisfazer o Pai, que lhe sussurrou algo e depois saiu. Mas a minha madrasta ficou.

Ela era a única pessoa que eu não conseguia ler. Nódoas de ouro salpicavam-lhe os olhos, olhos que me ludibriavam com a sua frieza. Não conseguia perceber se as suas profundezas eram ocas ou transbordavam com uma história por contar.

Quando os meus irmãos me troçavam por ter medo dela, eu dizia: «Apenas dos seus olhos de cobra.» Mas, no fundo, eu sabia que era mais do que isso.

Embora ela nunca o tivesse dito ou demonstrado, eu sabia que Raikama me odiava.

Não sabia porquê. Costumava pensar que era porque fazia lembrar ao Pai a minha mãe — a luz que fazia brilhar a sua lanterna, como ele dizia, a imperatriz do seu coração. Quando ela morreu, ele mandou erguer um templo em seu nome, e ia lá todas as manhãs para rezar. Faria sentido que a minha madrasta se ressentisse comigo por eu o lembrar dela, uma rival para lá do seu alcance.

No entanto, não achava que fosse essa a razão. Ela nunca se queixara quando o meu pai prestara homenagem à minha mãe; nunca pedira para ser nomeada imperatriz em vez de consorte. Parecia preferir ser deixada sozinha e, muitas vezes, perguntei-me se teria preferido ser chamada Rainha Sem Nome ao seu título oficial, Sua Esplendorosa, uma menção à sua beleza e título.

— O que é isso debaixo da tua mão? — perguntou a minha madrasta. O meu pássaro rastejara quase até à beira da cama, e apenas agora dei conta de quão estranha parecia, ainda a tentar escondê-lo.

— Nada — apressei-me a responder.

— Então põe as mãos no colo, como apropriado para uma princesa de Kiata.

Ela esperou, e não havia nada que eu pudesse fazer a não ser obedecer.

Fica quieta, Kiki. Por favor.

Ao levantar a mão, Raikama arrancou Kiki do topo do meu cobertor. Para meu alívio, Kiki não se mexeu. Qualquer um pensaria que fosse apenas um pedaço de papel.

— O que é isto?

Endireitei-me.

— Não é nada. Apenas um pássaro que eu fiz. Devolva-o, por favor.

Um erro.

Raikama ergueu uma sobrancelha. Agora sabia que Kiki era importante para mim.

— O teu pai favorece-te. Estraga-te com mimos. Mas tu és uma princesa, não uma rapariga da aldeia. E és demasiado velha para brincar com pássaros de papel. Está na altura de aprenderes a importância do dever, Shiori.

— Sim, Madrasta — respondi, calmamente. — Não voltará a acontecer.

Raikama estendeu-me Kiki. A esperança acendeu-se-me no peito e debrucei-me para a recuperar. Mas, em vez de a entregar, a minha madrasta rasgou-a ao meio, uma e outra vez.

— Não! — gritei, precipitando-me contra Kiki, mas Andahai e Benkai seguraram-me no lugar.

Os meus irmãos eram fortes. Não me tentei desenvencilhar deles e um soluçar rebentou-me no peito. A minha dor era avassaladora. Para qualquer um que não soubesse o que Kiki significava para mim, poderia ter parecido *demasiado*.

Raikama fitou-me com uma expressão indecifrável: os lábios crispados, aqueles olhos frios a estreitarem-se em fendas. Sem mais palavras, atirou os restos mortais de Kiki para o chão e foi-se embora.

Andahai e Benkai seguiram-na, mas Hasho ficou.

Esperou até que as portas se fechassem e depois sentou-se ao meu lado na beira da cama.

— Consegues fazê-lo outra vez? — perguntou ele em voz baixa. — Consegues reencantar o pássaro para voar?

Eu nunca tencionara dar vida a Kiki. Apenas tentara dobrar pássaros de papel — grous, dado que constavam do brasão da minha família — para que os deuses me pudessem ouvir. Era uma lenda que todos os kiatans conheciam: se fizesses mil pássaros, de papel, tecido ou mesmo madeira, eles poderiam levar uma mensagem até aos céus.

Trabalhei sozinha durante semanas — nem sequer pedi ao meu irmão, Wandei, que era o melhor em todo o tipo de *puzzles* e construções, que me ajudasse a criar as dobras para fazer um grou de papel. Kiki fora a primeira ave que conseguira dobrar, embora, para ser honesta, se parecesse mais com um corvo de pescoço comprido do que com um grou. Pousara-a no colo e pintara uma mancha escarlate na sua cabeça, para que se parecesse mais com os grous bordados nas minhas túnicas, e dissera:

— Que desperdício ter asas que não podem voar.

As suas asas de papel haviam começado a agitar-se e, lentamente, hesitantemente, ela levantara voo, com a incerteza de um filhote de pássaro a aprender a voar. Nas semanas que se seguiram, quando as minhas aulas haviam terminado e os meus irmãos estavam demasiado ocupados para me verem, ajudara-a a praticar em segredo. Levara-a para o jardim para voar entre as árvores podadas e os santuários de pedra, e à noite contara-lhe histórias.

Estava tão feliz por ter uma amiga que não me preocupara com as implicações de ter magia.

E agora, ela fora-se.

— Não — murmurei, respondendo finalmente à pergunta de Hasho. — Não sei como.

Ele sussurrou profundamente.

— É melhor assim, então. Não devias estar a praticar magia que não consegues controlar. Se alguém descobre, serás enviada para longe de Kiata para sempre. — Hasho levantou-me o queixo para me limpar as lágrimas. — E se fores enviada para longe de casa, quem cuidará de ti, irmãzinha? Quem manterá os teus segredos a salvo e arranjará desculpas para as tuas travessuras? Não serei eu. — Sorriu para mim, um sorriso débil e triste. — Por isso, porta-te bem. Por favor?

— Já vou ser enviada para longe — respondi-lhe, afastando-me.

Apoiei-me nos joelhos e apanhei os restos de papel que a minha madrasta atirara para o chão. Segurei Kiki perto do coração, como se isso a fosse trazer de volta.

— Era minha amiga.

— Era um pedaço de papel.

— Eu ia desejar que se transformasse num grou verdadeiro.

A minha voz falhou, a minha garganta inchou enquanto olhava para a pilha de pássaros que dobrara. Quase duzentos, mas nenhum ganhara vida como Kiki.

— Não me digas que acreditas nas lendas, Shiori — disse Hasho gentilmente. — Se todos os que já dobraram mil pássaros tivessem direito a um desejo, então toda a gente passaria os dias a fazer pardais de papel e corujas e gaivotas, desejando montanhas de arroz e ouro e anos de boa colheita.

Não disse nada. Hasho não compreendia. Ele mudara. Todos os meus irmãos haviam mudado.

O meu irmão suspirou.

— Vou falar com o Pai sobre a tua ida ao Festival de Verão quando ele estiver com um humor mais caridoso. Isso far-te-ia sentir melhor?

Nada me faria sentir melhor em relação a Kiki, mas respondi com um pequeno aceno de cabeça.

Hasho ajoelhou-se ao meu lado e apertou-me o ombro.

— Talvez estas próximas semanas com a Madrasta sejam boas para ti.

Sacudi os ombros. Ficavam sempre todos do lado dela. Até os criados, embora lhe chamassem Raikama pelas costas, nunca haviam tido nada de mal a dizer sobre ela. Nem os meus irmãos. Nem o meu pai. *Sobretudo* o Pai.

— Nunca a perdoarei por isto. Nunca.

— Shiori… a nossa madrasta não é culpada pelo que aconteceu.

Tu é que és, quase o consegui ouvir dizer, embora Hasho fosse demasiado sábio para deixar escapar as palavras.

Ele estava certo, mas eu não o admitiria. Algo na expressão dela quando ouvira que eu vira um dragão me deixava hesitante.

— Não deve ser fácil para ela, estar tão longe de casa. Ela não tem amigos aqui. Não tem família.

— Tem o Pai.

— Tu sabes o que quero dizer. — O meu irmão sentou-se de pernas cruzadas ao meu lado. — Faz as pazes com ela, está bem? No mínimo, irá facilitar as coisas quando eu pedir ao Pai que te deixe sair para o festival.

Cerrei os dentes.

— Está bem, mas isso não quer dizer que vá falar com ela.

— Tens de ser tão petulante? — espicaçou Hasho. — Ela preocupa-se contigo.

Enfrentei o meu irmão, assimilando a sua sobrancelha erguida, o contorcer do seu olho esquerdo. Todos os sinais de que estava verdadeiramente exasperado comigo. Calmamente, disse-lhe:

— Não acreditas em mim, pois não? Em relação ao dragão.

Hasho esperou demasiado tempo antes de responder.

— Claro que acredito.

— Não acreditas. Tenho dezasseis anos, não sou uma criança. Eu sei o que vi.

— O que quer que tenhas visto, esquece — insistiu. — Esquece a Kiki, esquece o dragão, esquece o que quer que tenhas feito para que tudo isto acontecesse.

— Eu não *fiz* isto acontecer. Simplesmente, aconteceu.

— Faz as pazes com a nossa madrasta — voltou a dizer Hasho. — Ela é a nossa mãe.

— Não é a minha — respondi, mas as palavras saíram-me trémulas.

Já pensara nela como minha mãe uma vez. Há vários anos, eu fora a primeira a aceitar Raikama quando o Pai a trouxera para casa e, nessa altura, ela gostara muito de mim. Eu costumava segui-la para onde quer que ela fosse… ela era tão misteriosa que queria aprender tudo sobre ela.

— Onde fez a sua cicatriz? — perguntara-lhe um dia. — Porque é que não escolhe um nome?

Ela sorrira, dera-me uma palmadinha na cabeça e endireitara a faixa em torno da minha cintura, atando-a num laço direito e apertado.

— Todos nós temos os nossos segredos. Um dia, Shiori, terás os teus.

Magia. A magia era o meu segredo.

Qual era o dela?